



Meu querido Amigo,

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS 01.320.01

Porto
9 Janeiro 2007

começo a escrever-lhe de um ímpeto, devido ao imenso prazer de ouvir as suas palavras numa "entrevista" à RDP 1 (coitada da jornalista... cada pergunta). Para me apresentar, importa que saiba da minha invariável consideração, tão elevada quanto me é possível, pela sua Arte. Além disso, como terá percebido, eu próprio me dedico à Poesia e isso constitui a outra metade do tal ímpeto que aqui me trouxe. Espero não lhe causar outra cansaína que não a de receber esta manifestação de apreço, confessando todavia o meu desejo de que encontre algum motivo de agrado no que eu lhe envio em retribuição desta sua vinda a público ou do prazer que me proporcionou através de obras suas.

Depois da apresentação (?) e do propósito, impõe-se um ou outro comentário acerca das suas palavras de hoje. Confesso que terei perdido uma boa parte do programa (assisti a partir das 21,30H) e nunca imaginei que me seria concedida tal exaltação depois do jantar. Foi uma feliz coincidência ligar o rádio enquanto me vestia para... sair. Interessei-me primeiro pela sua voz, depois por ouvir falar de surrealismo, e, com espanto total, nem podia crer no facto de estar a



UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo-fcs 01.320.01

ouvi-lo a si, cuja arte sempre tanto me agradou (como parece vazia esta expressão...).

À medida que o ouvia, com este vício de jornalista nos ossos, fui tomando algumas notas, talvez já a prever que não resistiria à tentação de lhe retribuir a surpresa. Nomeadamente, a partir do momento em que referiu a intolerável "falta de consideração" e também o défice de comunicações. Não resisto à repetição de uma frase sua da mais fina ironia: "É triste verificar que em Portugal os intelectuais e artistas não são melhores do que os políticos" LAPIDAR!!!

A infinita coincidência do meu ponto de vista, a par do reconhecimento pessoal da sua magistral obra artística, será o factor principal desta minha atitude. Aproveito, mesmo com o risco de estar a importuná-lo, e junto às suas as minhas greixas acerca da futilidade reinante.

Só que as minhas greixas, tendo eu pouco mais de metade da sua idade, assumem uma gravidade peculiar, por ilustrarem um desencanto um tanto precoce, cinzas sem fogo prévio. A mórbida apatia do nosso "meio intelectual", a avareza com que (não) distribui méritos e incentivos, adquire mais dilatada dimensão quando se trata de obstruir ou frangir a passagem a quem não seja conhecido nos altos coturnos. Nesta situação, a sobranceira para com quem se apresenta atinge cúlculos de sadismo proporcional à boa qualidade da ~~da~~ produção artística em apreço, num transbordar de inveja provinciana ou suburbana.

Esta realidade é tanto mais intolerável quanto se verifica a ^{sua} invulnerabilidade no desfilhar dos séculos. É um mal que vem causando indignação entre as mais



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS 01-320-01

longínquas gerações de lusitanos, tendo como tutelar exemplo o que se passou com Luís de Camões. Aliás, a este propósito impõe-se-me recordar algumas passagens do primeiro estudo biográfico acerca do Poeta, de autoria de Manuel Severim de Faria e editado em 1624. Comentando a miserável pensão que foi concedida por D. Sebastião, após o regresso de Camões à Metrópole e depois de conhecida a sua obra-prima, afirma o historiador e biógrafo "... os benefícios são agradáveis enquanto se podem recompensar, mas que passando este termo tem o desagradecimento em lugar de prémio".

- Ou seja - uma luz demasiado intensa ofusca e obriga a que se desvie o olhar;
- Ou ainda - aquele que necessita da ajuda do seu semelhante tem de esconder quaisquer virtudes ou talentos, fazendo-se passar por louco.

Com efeito, tanto no passado como hoje, um dos traços distintos da mentalidade nacional é a desvalorização das qualidades próprias, em paralelo com a sobrevalorização do que vem do estrangeiro ou dos montos.

Em todo o caso, só ao amor-próprio devemos o dom de continuar de pé a cada dia que venha, sem maior recompensa que a de ter os olhos abertos. Sirvo-me ainda do mesmo escritor quinhentista para rematar este desagradável embrolho: "O varão grande, se não se tiver por tal, não o será."

Eis uma bela frase para encobrir a minha total impaciência para tolerar a mais leve falta de consideração, em especial

NOTA: o vocábulo "benefícios" deve ser entendido com o significado de "talentos", "virtudes", "boas qualidades". Segundo creio.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo ES 01.320.01

por parte dos que assumem funções de agentes promotores da criatividade artística, como editores, por exemplo.

Resultado: mais do que o esquecimento, a brutal solidão e a pobreza, não encontro senão no crime processo para viver dentro de algum conforto. Não obstante a pressão e o desanossos quotidiano, vejo-me confinado a esta via depois de uma década de sucesso como jornalista.

Num instante, me surpreendi na margem sem acesso ao impetuoso caudal.

Como sabem mostram-se ciosos com seus coris alguns "artistas" cuja arte sugere uma moldura moral tão mais colorida! Sempre me vêm à lembrança algumas palavras de Zaratustra: "Ah, esses poetas! Há entre eles ganhadores que relinham com toda a castidade".

Com esta me retiro, certo de já muito ter registado a sua atenção.

Sinceramente, sinto-me privilegiado por lhe fazer chegar esta carta (hei-de consegui-lo!), pois imagino que representa uma reacção agradável à sua desprizibilidade em apelo.

Pelas minhas maneiras pode não parecer, mas não consigo ser hipócrita, nem capaz de tolerar a mentira. Admiro-o indefinidamente.

Sem mais, com um abraço fraterno,

José Correia da Silva
Rua de Santa Catarina 738 2º
4000-446 PORTO

PS - O preço do papel? Exacismos em prol do dinheiro honesto

Cristalização

Ao menos sobrevive a consciência do delírio
a sedução que se espraia é a virtude estelar
sem alicerces já que existe o céu
sem o histérico horror do fracasso
tamente não do deus insaciável bélico
mas da longínqua e incerta harmonia

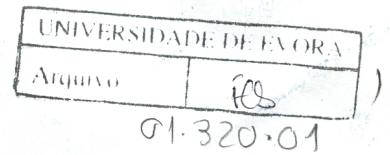
Afinal não era uma construção inconcreta
repleta de ângulos dispersivos onde o vento
se insinuava com silvos viperinos
o pavor místico da inutilidade pura ilusão
pelos degraus que descem à treva mais profunda
se ascenderá aos planos mais iluminados

Difícil banir enganadores reflexos
um brilho irreal cega e a flacidez do desejo
também cega a estranha semente interior
germinando sob sóis rotativos ocultos
com múltiplas promessas de flores efémeras
habilmente iludindo o fruto mais querido

Entre o supremo desconforto da pura busca
despido e unguento em contínuos batismos
prepara-se a passagem do primeiro pórtico
a imaginação a arder por corredores e átrios
até que as cinzas já frias desta mentira
fertilizem os campos ou mar serenamente

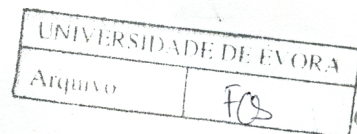
À entrada por certo nem uma estátua de sal
para quem volver saudosamente o olhar

27/10/88



Um segundo poema anexado à última hora
para dar uma ideia de auto-critica, esta ou além
irredutível

O Ovo da Serpente



01.320.01

A Ingmar Bergman

*Habituada a perder a pele
Sem qualquer dano
Acreditou ser eterno o seu papel
Uma serpente criada por engano.
Tornou-se temerária atrevida
Armou-se de venenos sem igual
Atentando contra a sua e toda a vida
Testando o seu dom de imortal.
Acabou por esvaziar-se o deserto
O calor do sol fugia-lhe também
Restava-lhe o veneno e decerto
A sanha assassina de desafiar o além.
Trespassou-a uma dor dilacerante
Em vez do triunfante renascer
Em verdade sentiu-se nesse instante
Banalizada indigna de viver.*

*Voltou-se então para os homens a serpente
Guia-lhes orgulho e vaidade a trela rente
Na missão de os levar a tamanho veneno
Que o próprio inferno há-de parecer ameno.*

*Insuperáveis aliados na suicida cegueira
Não tardarão a dar-lhe sua pele derradeira.*

02/11/99

A Ciência do Desvio

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	FS

01-320.01

Ri-te corpo revolvido por línguas
De vício por antecipação vencido
Inapto para qualquer glória
Riam-se pedras inertes
Ante a avidez humana de querer
Definir algo aqui além castrar

Riam-se nesta descida átona
Cada poro da pele cabelos unhas
Os pêlos do sémen ecos da muralha
Dos sonos informáticos

Saibam de um poeta capaz
de fugir ao valor de cada palavra
repõe no pescoço a coleira de cão

Viram e riem-se a negação
Da próspera conveniência
Não a ciência do desvio
Riam-se cabelos línguas de esperma
Servos da maldição dos répteis
Sara nos desertos
Vejam veias

Quem se nega a continuar os espelhos
Pousa os joelhos na oração de luz

Irradiante explode em partículas
Iridescentes transfigura-se em éter
Luminoso afinal junta-se à cor dos céus

Regressará quem sabe
Numa centelha de fogo azul.

Manhã sem Asa Irmã

Que outro dia começa
sem credo êxtase ânsia
fere o olhar que tropeça
já mergulhado em distância

O horizonte vasto e virgem
e o doce céu em tons rosa
incrivelmente me afligem
cego ante a vaga harmoniosa

Não há sossego possível
a um alma sem seu norte
que se deu toda ao terrível
canto visceral da morte

Creio só numa outra aurora
imersa em bruma estagnada
mater da paz que demora
com o certo afago do nada

Um dia virá é certo
sem sombras de imperfeição
sem estar longe nem perto
da fraternal comunhão

Por cá tudo é luta vã
nada-se contra a corrente
a pura luz da manhã
repete outro grito ingente

Quantos à luta se dão
sabem que a vitória de hoje
é como um súbito clarão
num instante fere e foge

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	SES

01.320.01

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Doce Ilusão

Em cada regresso teu
de mãos manchadas
cada suspiro teu
frívolo ou alheio

Eu persisto na escrita
escravizante método
de me manter atento
angelical unguento

À noite a espera sempre em vão
alegria unicamente um colar de ilusão
só o sangue erecto explosivo-fixo *
saliva a escorrer pelo sexo (apenas palavras)

Um dia o corpo deixará de correr
para a dor, um anjo descerá com o anel
de luz, em ti repousarei e em mim tu
apenas amor sem mais disfarce
senão o musgo e a erva sobre o túmulo vivos.

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	FCB

01.320.01

23-01-82

* explosivo-fixo ⇒ expressão de "Manifesto do Surrealismo" de André Breton (1924)

Estandarte

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	fes

01.370.01

Ondular de bosques
murmúrio de vento
rio ou mar brilhante
sol e sombras
nada
me ergue da saudade
o amor ameaçado
por tanta crueldade

De rastros a paixão e a luz
de rastros se esfarrapam
sede e fontes ânsia e medos
nenhuma alegria plena
sob céus da injustiça
a fúria maquilhada de vida
o pó que nos afirma mortos
todos caminhos tortos

Um estandarte humilhado
no céu de fogo simboliza
cada lágrima cada arma toda a imperfeição

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Mare Nostrum

Guiou-me inacessível estrela
Que da sua altivez nunca desceu
Um montão de escolhos resta da caravela
Grito da descoberta que já emudeceu

O mar tudo devolve e semeou na areia
Os sinais que revelam submissão
Deixou-se perfurar como antes a veia
Mas cedo onda a onda dirá Não

Vivi o impossível na saudade de um sonho
E naveguei sem rumo perseguindo a beleza
Até ter naufragado o amor que em tudo ponho
Restando a imperfeição sentada à minha mesa

Singrando a bom singlar por entre fráguas
Fiz-me amante do mar e entendi
Que a desordem global apaga mágoas
Secando-as como o sal que há em si

Apesar dos muitos ventos a encarar
Muitos medos que importa repelir
Há que assimilar a voz cava do mar
Silenciar primeiro e só depois ouvir

17-12-94

Arquivo	FCS
---------	-----

01.370.01

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Estar num Vaso

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	FCS 8

01.320.01

tantos anos de pobreza e abandono
deram ao vaso a esterilidade da pedra
mas a roseira lá vai conseguindo
a ínfima energia para criar
um ou dois espasmos da sua divinal mensagem;
nem são já rosas débeis amarelecidas
são gritos de desespero
onde deveria erguer-se o cantar dos anjos.

Rodeada de carinhos amor em cada flor
enquanto símbolo vivo da primavera subtil
a brisa deixava-lhe entre ramos e folhas
notícias de um mundo maravilhoso
com auroras cheias de esperança e cheiros do amor
agora o vento fere-a na sua resignada fraqueza
até naquele sacrifício surdo alquímico
de preparar as pétalas inevitáveis.

Tardio Amor

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	fcs

9

01.370.01

A tua geração faculta-me distante o êxtase
no suor na seiva nas fibras tão cansadas
com enganosa labuta queimou-te os melhores anos
prazer submisso ao futuro dos filhos e do pão

Tardio o amor, sobrevivência apenas.

Ris-te dessa tua erecção mista de raiva e requiem
onde convivem fúrias e o fogo vermelho da rebelião
o paraíso cada vez mais longe mas certa a redenção
encanecida a plumagem que adorna os músculos mais suaves

Menos tardio o amor ter-me-ia sonhado ?

Agrada-te a minha altivez ante o desdém dos deuses
suspeito até que entendes o discurso amorfo do desprezo
ser o cão do cão sabe-te a triunfo bastante sobre os homens
medes a voragem contínua dos nazis dos soares todos provocadores

Um desfile de criminosos reacende esta foda vadia.

Meu amor de fim de tarde e mesmo a vida já tão perto
bem que seguir a ordem só amplia a vergonha no espelho
de joelhos cordeiros repetem uma oração sem fé e sem bandeira
e nós a planar sobre os exaustos os crédulos numa réstia de humanismo.

De:

J. Correia da Silva
Rua de Santa Catarina 738 2º
4000-446 PORTO



Para:
UNIVERSIDADE
DE ÉVORA
Rua da Rosa 152 3º
1200-389 LISBOA

01.320.01